2017

BOLETIM DE PETRÓLEO

Bruno Luís Lacerda dos Santos
Naiara Silva de Carvalho
Gerência de Operações e Planejamento
Janeiro - 2017

I – Cenário Internacional

Após a vitória de Donald Trump à presidência dos EUA aumentou-se a expectativa de aceleração da taxa de juros pelo FED (Federal Reserve). O presidente eleito discursou a favor de uma forte política fiscal expansionista, enfatizando redução de impostos e aumento de gastos públicos. Segundo o FED, tal política acarretaria no aumento da inflação impulsionando ainda mais o crescimento da taxa de juros já precificada. Analistas preveem inflação nos EUA em torno de 3,5% para o ano de 2017.

A taxa de desemprego nos Estados Unidos subiu levemente a 4,7% em dezembro, segundo o Departamento do Trabalho, após tocar 4,6% em novembro, o menor nível desde agosto de 2007. Já a criação de postos de trabalho esperado para o mesmo período ficou aquém do esperado, entretanto tal impacto foi mitigado pela divulgação de aumento do salário médio dos trabalhadores que registrou maior alta desde 2009.

Segundo a primeira ministra britânica, Theresa May, o Reino Unido deve iniciar sua saída da União Europeia (Plano Brexit) nas próximas semanas. Uma das principais consequências desta saída está relacionada à incerteza da permanência de imigrantes e trabalhadores expatriados. Números do governo da Grã-Bretanha mostram que mais de 3 milhões de europeus compõem a população de 65 milhões de habitantes. Em Londres, o mercado de trabalho para estrangeiros já se tornou mais limitado, pois grandes firmas estão contratando menos migrantes por não saberem como será a absorção dessa mão de obra após o Brexit.

Já na China, segundo projeções, o crescimento econômico chinês deve desacelerar para 6,5% em 2017 contra cerca de 6,7% em 2016. O investimento em novas tecnologias continuará a estimular o crescimento econômico, mas não será o suficiente para mitigar a desaceleração. A produção industrial deverá ser a principal responsável pela contração, já que deve crescer 5,9% no ano corrente, mas abaixo da projeção de 6,1% em 2016. Além disso, há tendência de manutenção da desvalorização do Yuan, apesar da negativa de autoridades chinesas.

A economia brasileira apresenta sinais de que o fim da forte e duradoura recessão econômica pode estar próximo. Segundo o Banco Mundial, o país voltará a crescer este ano, com uma expansão econômica de 0,5%, patamar este ainda abaixo da média estimada de 1,2% na América Latina e Caribe. Apesar da expectativa de retorno do crescimento econômico, ainda que tênue, o desemprego deverá continuar elevado e poderá sofrer com uma tendência de alta, já que analistas esperam que 2017 seja um ano marcado mais pela estabilização do que recuperação do mercado de trabalho. Segundo o IBGE, a taxa de desemprego no país está próxima dos 12%, com cerca de 12 milhões de desempregados.

Com um cenário externo conturbado, eivado de incertezas com o novo presidente dos Estados Unidos, o Brasil inicia um processo de estabilização e desconfianças para o ano que se inicia. O consumo

tende a se manter menor devido ao alto grau de endividamento das famílias e desemprego e aliado ao fato do governo não ter espaço fiscal para ampliar gastos, a retomada de investimentos deverá ser muito lenta.

II - Preços

Os preços do petróleo registraram no mês de dezembro de 2016 um valor mínimo de US$ 53, máximo de US$ 56,82 e média de US$ 54,92, representando um acréscimo de 17% em relação ao mês de novembro.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto tiveram alta de 4,1 milhões de barris na semana encerrada em 13 de janeiro. Tal alta foi contrária à previsão de analistas de mercado, que indicava uma redução de 0,08 milhões. Apesar desta elevação o nível de estoque total em relação ao mês de dezembro reduziu em 2,66 milhões de barris. A expectativa da Agência Internacional de Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo feche em US$ 53 para 2017 e US$ 56 para 2018.

Há expectativa de desaceleração do nível de estoques com o anúncio de corte de produção da OPEP, aderido também por países não pertencentes a este grupo, tal como a Rússia. Este posicionamento trás um parecer favorável quanto à recuperação dos preços do barril de petróleo. A melhoria do cenário econômico mundial indica que a demanda deve voltar a crescer, levando as variáveis macroeconômicas a um ponto de equilíbrio.

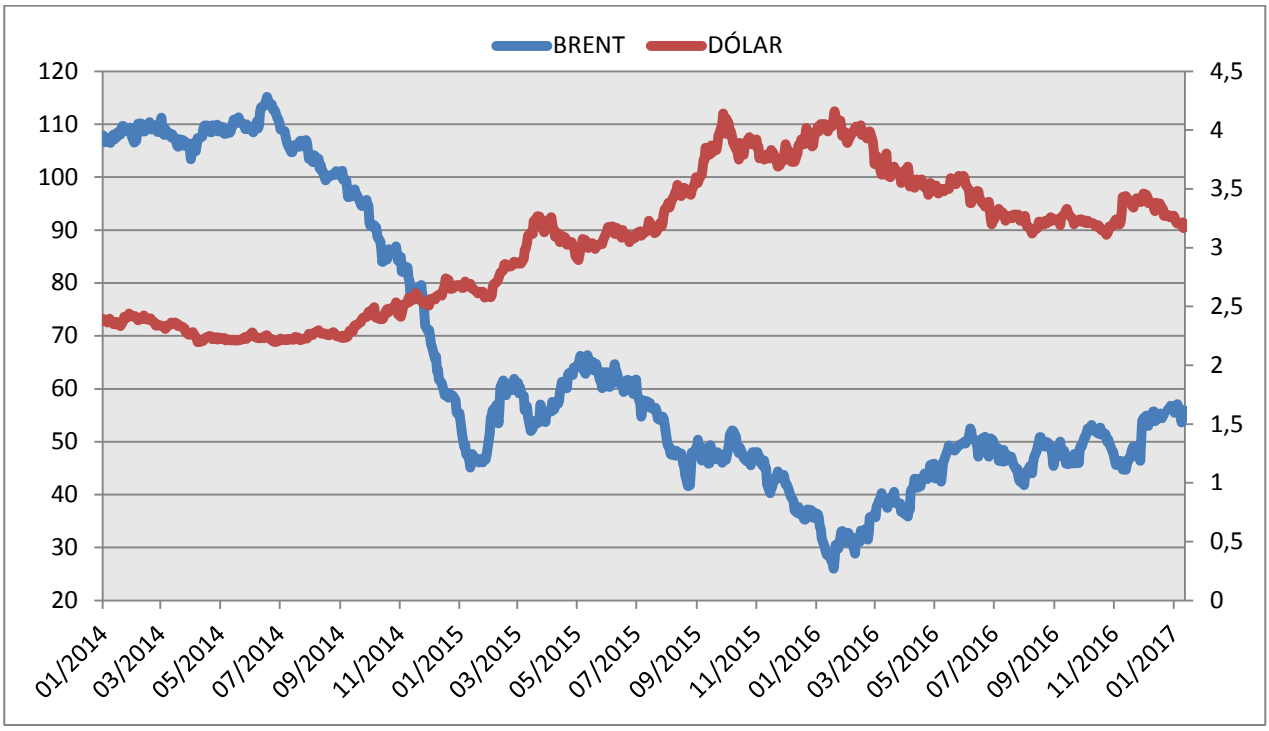
O gráfico 1, mostra a queda acentuada no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de janeiro, atingiu o preço mínimo de US$ 26,01, e apesar das fortes oscilações a partir de então, demonstra uma tendência de melhora.

Gráfico 1: Preço do Brent

Fonte: ICE/ GOP

O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrando uma negatividade de 0,90 entre janeiro de 2014 e janeiro de 2017, podendo ser considerada uma correlação muito forte. Segundo o Boletim Focus, de 13 de janeiro de 2017, a expectativa para 2017 é que o câmbio encerre cotado em R$ 3,40. Há 4 semanas a expectativa era de R$ 3,49. A tendência de desvalorização do dólar após a vitória do Donald Trump à presidência dos EUA pode beneficiar a recuperação do preço de petróleo. As polêmicas promessas do presidente norte-americano eleito aliadas a expectativa, no cenário interno, de aprovação de medidas com vistas à recuperação da economia nacional tendem a valorizar o Real frente ao Dólar.

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

III - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2017 deve crescer 1,16 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2016. A estimativa da EIA, esta em conformidade com a da OPEP: haverá um crescimento de demanda por petróleo em 2017. Entretanto, a EIA é um pouco mais otimista quanto aos dados, estimando um crescimento de 1,6 milhão de barris por dia. Apesar da desaceleração econômica, a China é apontada pela agência como a principal responsável pelo aumento maior da demanda para este ano. Assim, ambas as agências esperam aumento de demanda para este ano, o que pode dar mais equilíbrio ao mercado, reduzindo o excesso de oferta global e recuperando assim seu preço.

IV – Oferta

A EIA projeta para 2017 um incremento na produção de petróleo de 0,7 milhão de barris por dia. Segundo a agência, nos países não integrantes da OPEP o aumento da produção dar-se-á devido ao aumento dos preços do petróleo e da produtividade da perfuração de poços. Nos países membros da OPEP

o aumento será consequência do aumento da produção do Irã. No relatório anterior a projeção de aumento da oferta era menor em 0,42 mb/d.

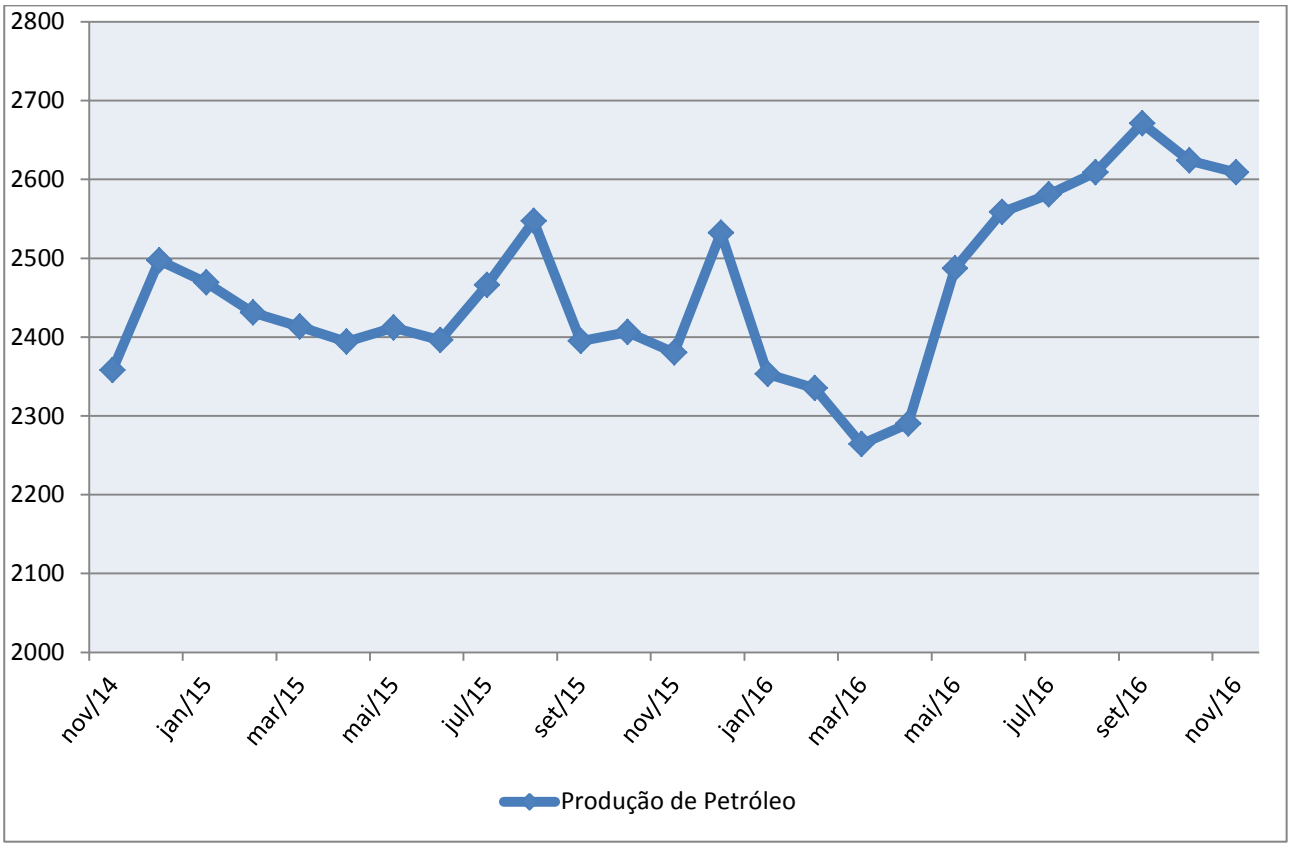
Para a OPEP, os países não integrantes de seu bloco terão um aumento de produção de 0,1 milhão de barris em 2017, demonstrando uma forte contração na produção em relação ao último relatório, em que era previsto uma elevação de 0,78 milhões de barris. Esta revisão para baixo deve-se a uma redução brusca de produção por parte da China. Em relação aos países integrantes a OPEP, ainda não foram divulgadas as projeções para 2017.

Assim, ambas as agências preveem que o crescimento da demanda de petróleo superará o crescimento da oferta em 2017. Consequentemente, o preço da commodity tenderá a subir.

V – Brasil

Segundo a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo no mês de novembro foi de 2.609 Mbbl/d (mil barris por dia), configurando redução de 0,6% em relação ao mês de outubro, conforme demonstrado no gráfico 3.

Gráfico 3: Histórico de produção de petróleo

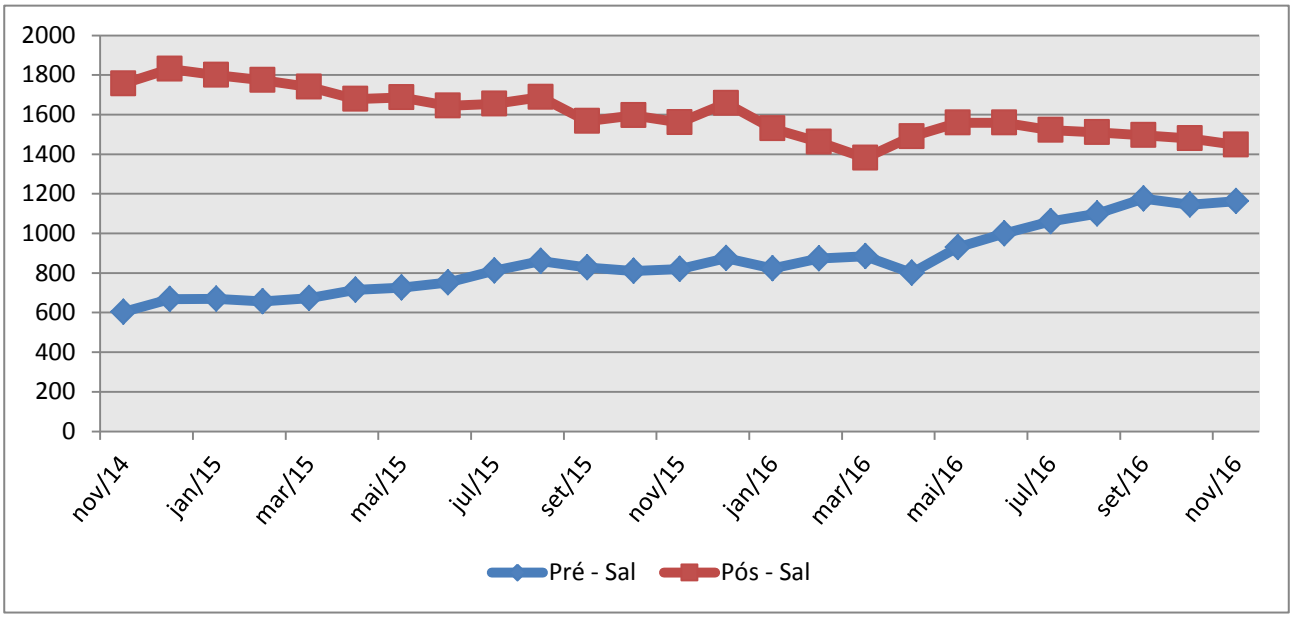


Fonte: ANP/GOP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, foi o que mais produziu petróleo no mês em análise: média de 663,2 mil barris por dia, representando 25% da produção nacional, sendo o maior valor de produção já registrado em um campo no Brasil. Dessa forma, enquanto a produção total reduz, a produção do Campo de Lula se comporta de maneira oposta ampliando seu grau de participação na produção nacional em comparação aos dados do relatório passado.

No pré-sal foi registrado uma produção de petróleo de 1.161,9 mil barris, de um total de 68 poços, representando 1,7% de aumento produtivo em relação ao mês anterior, conforme pode ser verificado no gráfico 4.

Gráfico 4: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



Fonte: GOP

No mês em análise, observa-se que a produção pré-sal, foi a principal responsável pelo aumento da produção nacional. Por outro lado, a produção do pós-sal apresenta certa estabilidade com viés de queda.

Segundo a ANP, a produção do Rio de Janeiro é responsável por 68% da produção nacional. O campo de Lula foi o grande destaque: aumentou sua produção em quase 5,09% em relação ao mês anterior.

São Paulo foi o estado que apresentou a maior queda, com cerca de 14%. A principal razão para tal motivo está atrelada à redução de produção do campo de Sapinhoá, que apresentou decréscimo produtivo de 45,2 Mbbl/d.

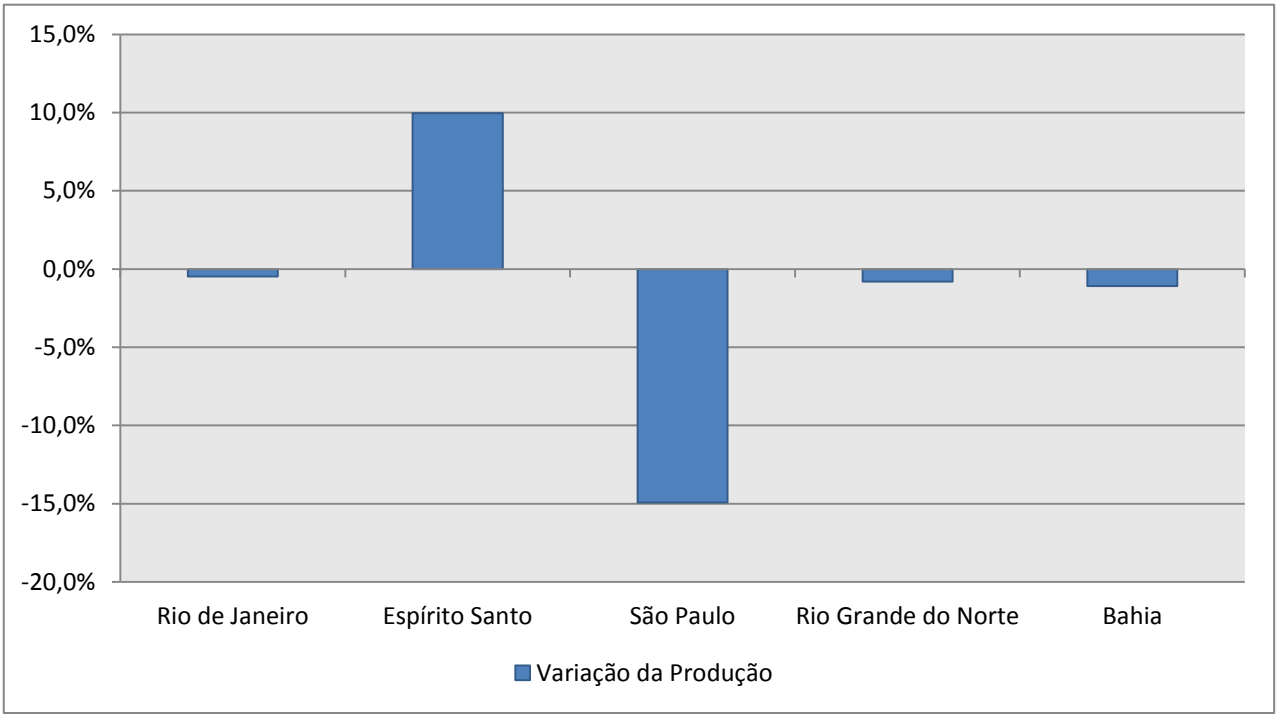
Na tabela 1 é facilmente perceptível a importância do petróleo para o Estado do Rio de Janeiro, já que a produção dos outros quatro maiores produtores (Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia) representam juntos apenas 43% da produção fluminense.

Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PETRÓLEO (bbl/d)	CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.782.567	43
Espírito Santo	414.727	47
São Paulo	262.475	5
Rio Grande do Norte	52.696	76
Bahia	35.214	75

Fonte: ANP

Gráfico 5: Variação da produção – Principais produtores estaduais



Fonte: GOP

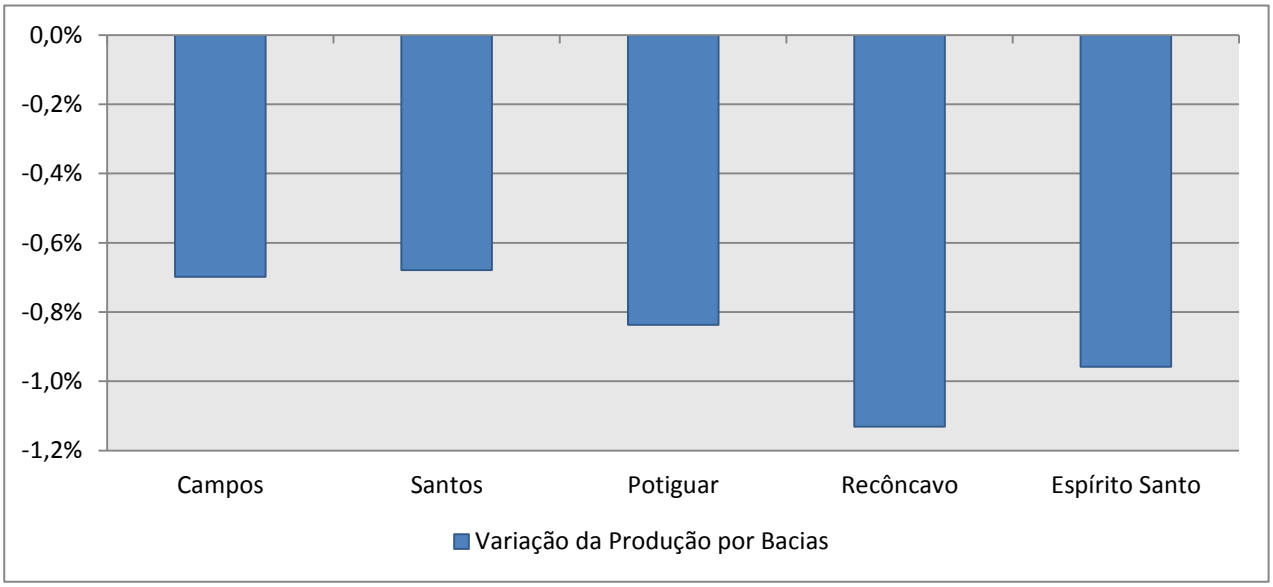
A bacia de Campos, localizada na costa do Rio de Janeiro e Espírito Santo, e a bacia de Santos, no Rio de Janeiro e São Paulo, representam a fonte de quase 93% da produção nacional, o que comprova uma extrema concentração da capacidade produtiva nestes três estados, com destaque para o Rio de Janeiro. Tal afirmação pode ser observada na tabela 2. O gráfico 6 demonstra que todas as principais bacias tiveram decréscimo de produção no mês observado.

Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	Nº CAMPOS PRODUTORES	PRODUÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Campos	46	1.497.078	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	11	981.552	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	78	56.348	Rio Grande do Norte
Espírito Santo	37	39.752	Espírito Santo/Bahia
Recôncavo	72	36.034	Bahia

Fonte: GOP

Gráfico 6: Variação de produção das principais bacias



Fonte: GOP